

# Aleksandr Dugin, o Projeto Neoeurasianista e a Narrativa sobre a Nova Ordem Mundial.



*Aleksandr Dugin, the Neo-Eurasianist Project and the Narrative of the New World Order*

*Aleksandr Dugin, el Proyecto Neo-Eurasianista y la Narrativa del Nuevo Orden Mundial*

Natalia dos Reis Cruz<sup>1</sup>

1. Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense e Docente do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense. Contato: natreiscruz29@gmail.com

DOI: 10.5752/P.2317-773X.2023v11n2p53-70

Recebido em: 16 de Maio de 2024

Aprovado em: 19 de Junho de 2024

## RESUMO

O artigo estuda o pensamento de Aleksandr Dugin, ideólogo da extrema direita russa, formulador do projeto neoeurasianista de inserção da Rússia na ordem internacional. O objetivo é apresentar a trajetória política de Dugin – destacando sua participação no “Círculo Yuzhinsky”, no Pamyat e no Partido Nacional Bolchevique -, analisar a apropriação do pensamento tradicionalista de Rene Guenon e Julius Evola, abordar sua reelaboração do eurasianismo dos anos 1920 e do pensamento eslavófilo, bem como a concepção duginista de nova ordem mundial e o uso das teorias geopolíticas clássicas em seu pensamento geopolítico. A metodologia é descritiva e qualitativa, realizando-se uma análise crítica do conteúdo. O estudo aponta que Dugin defende um projeto imperialista regional russo, pois a ideia duginista de uma reorganização multipolar do sistema internacional em contraposição à hegemonia norte-americana coloca a Rússia como líder de um projeto imperial no “grande espaço” da Eurásia e como a grande força hegemônica em um futuro Novo Império de dimensões globais.

**Palavras-Chave:** Neoeurasianismo; Geopolítica; Tradicionalismo.

## ABSTRACT

The article studies the thought of Aleksandr Dugin, ideologist of the Russian extreme right, who has been standing out in the formulation of neo-Eurasianism, a project of inserting Russia in the international order. The objective of the study is to present Dugin’s political trajectory - highlighting his participation in the “Yuzhinsky Group”, in Pamyat and in the National Bolshevik Party -, analyze the appropriation he makes of the traditionalist thought of Rene Guenon and Julius Evola, address his reworking of the 1920s eurasianism and of the eslavophile thought, in addition to the Duginist conception of the new world order and the use of classical geopolitical theories in his geopolitical thought.

The methodology is descriptive and qualitative, performing a critical analysis of the content. The study points out that Dugin defends the Russian regional imperialist project, then his idea of a multipolar reorganization of the international system in opposition to North American hegemony places Russia as the leader of an imperial project in the “greater” of Eurasia and as the hegemonic power in a future New Empire of global dimensions.

**Keywords:** Neo-Eurasianism; Geopolitic; Traditionalism.

## RESUMEN

El artículo estudia el pensamiento de Aleksandr Dugin, ideólogo de la extrema derecha rusa, formulador del proyecto neoeurasianista de inserción de Rusia en el orden internacional. El objetivo es presentar la trayectoria política de Dugin - destacando su participación en el “Círculo Yuzhinsky”, en Pamyat y en el Partido Nacional Bolchevique-, analizar la apropiación del pensamiento tradicionalista de Rene Guenon y Julius Evola, abordar su reelaboración del eurasianismo de la década de 1920 y del pensamiento eslavófilo, así como de la concepción duginista de un nuevo orden mundial y del uso de teorías geopolíticas clásicas en su pensamiento geopolítico. La metodología es descriptiva y cualitativa, realizando un análisis crítico del contenido. El estudio señala que Dugin defiende el proyecto imperialista regional ruso, ya que la idea duginista de una reorganización multipolar del sistema internacional en oposición a la hegemonía norteamericana sitúa a Rusia como líder de un proyecto imperial en el “gran espacio” de Eurasia y como la gran fuerza hegemónica en un futuro Nuevo Imperio de dimensiones globales.

**Palabras llave:** Neoeurasianismo; Geopolítica; Tradicionalismo

## 1 INTRODUÇÃO

A globalização neoliberal tornou-se a nova ordem mundial reforçada pela desintegração da URSS e pelo discurso da “vitória” do capitalismo sobre o socialismo. O mundo pós-Guerra Fria foi inicialmente caracterizado pela hegemonia norte-americana calcada no apoio de aliados tradicionais e novos membros que entraram na aliança político-militar herdeira da Guerra Fria, a OTAN.

A nova ordem tinha um componente político e cultural – a defesa dos Direitos Humanos e a transformação da Democracia liberal como modelo universal e requisito para os países fazerem parte da comunidade internacional. Há uma contradição entre o aspecto normativo desta nova ordem, que impõe modelos de Democracia, e os princípios básicos do direito internacional, baseados na igualdade soberana dos Estados e na não ingerência ou intervenção de um Estado em assuntos internos de outros.

O neoliberalismo globalizado levou a crises financeiras, exacerbando os problemas do capitalismo, como o aumento das desigualdades sociais, da pobreza e da precarização das condições de trabalho e de vida, acarretando em um mal estar social e contribuindo para a ascensão da extrema direita em todo o mundo (Cruz, 2023).

Ao mesmo tempo, novos polos de dinamismo econômico surgiram na Ásia – entre eles, a China e a Índia, integrados aos mercados globais, com um capitalismo de forte intervenção estatal na economia. Esses

novos centros expandem suas economias e disputam espaços com os países ocidentais na conformação da nova ordem mundial, procurando construir uma arquitetura financeira e política em contraposição ao poder hegemônico norte-americano (Cruz, 2023). Analistas, como Santoro (2022), afirmam que o mundo atual transita para uma ordem multipolar, que ameaça os interesses dos EUA, marcada pela disputa entre grandes impérios e nações, assemelhando-se à política internacional anterior à I Guerra Mundial, havendo um bloco formado pelos EUA e pela União Europeia, e outro pela China e pela Rússia, resultando em um mundo instável, contrariando as esperanças de paz entre as grandes potências que muitos acalentaram com o fim da Guerra Fria. Os movimentos e governos de extrema direita levantam bandeiras contra a nova ordem internacional liberal globalista.

Entre os atores da extrema-direita atual está Aleksandr Dugin, criador do neoeurasianismo. Suas ideias visam à recomposição do poderio da Rússia nas relações internacionais, contestando a ordem do pós-Guerra Fria. Seu pensamento contribui para o entendimento das relações internacionais no mundo após o colapso soviético, visto que é reforçado pelas mazelas da ordem internacional surgidas com o fim da Guerra Fria.

Colocamos então a seguinte questão: o pensamento de Dugin sobre geopolítica envolvendo a Rússia representa apenas uma reação à hegemonia norte-americana do pós-Guerra Fria ou sustenta uma proposta de imperialismo russo a nível regional? Como hipótese inicial, defendemos que o projeto geopolítico neoeurasiano de Dugin coloca a Rússia como líder de um projeto imperial no “grande espaço” da Eurásia.

Em um contexto de fortalecimento da extrema direita mundial, estudar os seus tentáculos é imprescindível à luta pelos valores democráticos. O pensamento de Dugin influencia grupos de extrema direita em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, sendo um exemplo o movimento Nova Resistência, que se inspira em seu legado. Por isso, compreender o seu pensamento e conhecer o seu histórico e sua trajetória política é muito importante.

O artigo tem três objetivos: apresentar a trajetória política de Dugin até chegar à sua concepção neoeurasianista; analisar a sua apropriação do Tradicionalismo de Rene Guenon e Julius Evola para basear o projeto geopolítico neoeurasiano; e abordar a sua concepção de nova ordem mundial em correlação com o projeto neoeurasianista e o aporte teórico da geopolítica clássica utilizada em seu pensamento.

A metodologia usada é a análise crítica de conteúdo, desvendando o que está encoberto pelo discurso da multipolaridade e do antiocidentalismo, para que a natureza real do projeto duginista venha à tona. Será feita também uma contextualização histórica da Rússia no pós-Guerra Fria, para elucidar o surgimento do neo-eurasianismo de Dugin.

Na primeira parte do artigo, fazemos um breve histórico da trajetória política de Dugin, abordando o seu processo de chegada ao pensamento neo-eurasiano. Na segunda parte, analisamos o tradicionalismo no pensamento duginista. E na terceira parte, focamos nas questões geopolíticas da Rússia atual e nas ideias de Dugin sobre a nova ordem mundial.

## 2 A TRAJETÓRIA POLÍTICA DE ALECKSANDR DUGIN

Dugin passou a juventude na URSS e teve contato com o “Círculo Yuzhinsky” – sociedade intelectual secreta fundada por Evgenii Golovin (dissidente do governo soviético) e Iury Stefanov (poeta e tradutor de literatura francesa). O grupo fazia oposição ao regime soviético, se interessava por Fascismo, Nazismo, misticismo, nacionalismo e ocultismo e defendia ideias rejeitadas pela intelectualidade dominante, possibilitando aos seus membros se rebelarem no “mundo oculto de suas psiques”, não alcançável pelo poder do Estado (Teitelbaum, 2020, p. 47).

Dugin conheceu o Tradicionalismo frequentando a Biblioteca de Línguas Estrangeiras e a Biblioteca Lênin (Sedgwick, 2020, p. 391). Após o fim da URSS, ele se opôs às reformas liberais e fez parte de vários movimentos. Um deles foi o Pamyat - Frente Nacional Patriótica “Memória”, organização neonazista e antisemita criada em 1987, que se autoidentificava como “Movimento Cristão-Ortodoxo Nacional-Patriótico do Povo” e objetivava preservar a cultura russa e defender o reavivamento nacional e espiritual do povo russo, com base nos valores tradicionais de ortodoxia, caráter nacional e espiritualidade (Korey, 2007).

Após as reformas liberais na Rússia, Dugin mudou sua visão do passado soviético, porque a Rússia havia perdido o status de grande potência e a capacidade de intervir autonomamente no sistema internacional, enfraquecendo-se diante da hegemonia norte-americana. O desejo de recuperar o passado de grande potência o levou a se aproximar de lideranças do Partido Comunista da Rússia, como Gennadi Ziuganov, que também rejeitavam o capitalismo liberal introduzido no país. Dugin construiu a Quarta Teoria Política, para superar o Liberalismo, o Fascismo e o Comunismo, mas apontando para a existência de aspectos positivos a serem aproveitados nos dois últimos.

Dugin fundou o Partido Nacional Bolchevique (PNB), junto com Eduard Limonov, poeta e romancista russo. (Sedgwick, 2020, p. 395 e 409).<sup>2</sup> O partido era anticomunista e defendia a unidade dos povos eslavos da Eurásia com base na influência da Igreja Ortodoxa e em formas comunitárias tradicionais de vida (Vasconcelos, 2022, p. 19).

Os eslavófilos foram os primeiros intelectuais russos que definiram uma identidade russa em contraste com a identidade europeia e a enfatizar que a história russa deveria seguir seu próprio caminho, havendo uma oposição entre religião e solidariedade social russas e racionalidade e decadência moral europeias. Para os eslavófilos, o “nós” eram todos os eslavos, e “eles” os europeus (a civilização romano-germânica) (Sedgwick, 2020, p. 399).

Os eurásianos da década de 1920 mantiveram parte do pensamento eslavófilo, afirmando o “organicismo russo e eurásiano” em oposição à secularização, à atomização e ao individualismo ocidentais. Assim como os eslavófilos, o “eles” seriam os europeus, mas o “nós” limitavam-se aos russos e povos de estepe eurásiana (Sedgwick, 2020, p. 400).

A Eurásia seria uma civilização com contornos próprios – históricos, econômicos, culturais, linguísticos, étnicos e geográficos -, que se diferenciava da Europa e da Ásia e seria não democrática e não capitalista.

2. Para a compreensão das origens do nacional-bolchevismo, ver Klemperer (1951).

Combatia-se a influência do Ocidente (livre mercado, individualismo e imperialismo britânico e francês), defendia-se a identidade dos povos Orientais, considerados não-europeus, e rejeitava-se o pluralismo político e a democracia parlamentar (Vasconcelos, 2022, p. 20).

Após sair do Partido Nacional Bolchevique, Dugin fundou o Movimento Neoeurasiano, reelaborando o pensamento eurasiático original à luz do contexto atual da luta geopolítica contra a hegemonia norte-americana, fazendo uso da geopolítica clássica e do Tradicionalismo; a Rússia representaria a luta contra a decadência do Ocidente e a defesa da Eurásia frente ao ocidentalismo liderado pelos EUA.

Para Dugin, a Rússia adota práticas políticas inadequadas às estruturas de sua civilização, como o socialismo marxista e o liberalismo dos EUA. A teoria neoeurasiana recuperaria a Rússia, livrando-a de “leis universais exteriores à sua própria identidade” (Camargo, 2018, p. 16). São valorizadas ideias nascidas da tradição, da história e do Estado russos. O povo russo comporia uma “comunidade eurasiática completamente única”, com um caminho histórico próprio e seu programa nacional e estatal “não coincide com o da tradição ocidental europeia” (Dugin, 2014, p. 13).

A perspectiva holista e estruturalista tornaria o eurasiatismo específico, diferenciando a civilização russa do individualismo ocidental e opondo-se a universalismos e a perspectivas evolucionistas, que acreditam no progresso inevitável para todas as sociedades, impondo um modelo de desenvolvimento único e desrespeitando as especificidades das diferentes civilizações (Dugin, 2012).

Dugin usa um conceito de civilização baseado no “Kultur” de Norbert Elias, que “dá ênfase a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos”, e não o sentido de civilização como algo superior ao “bárbaro”. (Elias, 1994 apud Camargo, 2018, p. 19). Com base na ideia de pluralidade e diversidade, Dugin aproveita do Nazismo a noção de Ethnos, usando o conceito de Etnocentrismo, valorizando o que permanece intacto na formação social de um povo. Para defender o Ethnos, ele se baseia, entre outros, na escola alemã de sociologia étnica – incluindo Wilhelm Mühlmann e Richard Thurnwald (Dugin, 2012, p. 76).

Compartilhamos da visão de Segrillo (2016, p. 287-88), segundo a qual a visão de mundo tradicionalista é uma grande influência em suas obras de geopolítica. Dugin defende que, entre a Geopolítica e a Tradição, haveria laços sagrados, pois, apesar de ser uma ciência secular e “profana”, manteria ainda relações com as “ciências tradicionais”. Como ela é frequentemente considerada uma “pseudociência”, isto sinaliza que não sofreu uma “profanação” completa e irreversível (Dugin, 1997, L. 1, pt. 6, cap. 6.1 Apud Segrillo, 2016, p. 297).

Abordaremos então a visão de mundo tradicionalista de Dugin, sem a qual é impossível compreender o seu projeto geopolítico para a Rússia.

### 3 DUGIN E O TRADICIONALISMO .....

René Guenon e Julius Évola são duas influências sobre o pensamento tradicionalista duginista. René Guenon nasceu em 1886 no Cairo, Egito, e foi fundador da escola tradicionalista e perenialista. Era crítico

da modernidade ocidental, por ser afastada do transcendente e opressora de tradições espirituais. Falava em “crise da modernidade”, sendo descrente em relação ao progresso, à evolução contínua da humanidade e aos valores do mundo moderno. As tradições dependeriam de rituais iniciáticos para o contato com uma Verdade Primordial; o afastamento desta Verdade levaria as sociedades a uma era obscura, até explodir em luz novamente, reiniciando-se todo o ciclo.

Para Guenon (2009), o Cristianismo, envolto na modernidade ocidental, se afastou das práticas esotéricas iniciáticas e se limitou ao exoterismo - dogmas, doutrinas e rituais de massa voltados apenas para a “salvação da alma”. Estaria então no Oriente as práticas religiosas ainda voltadas para a iniciação.

O Tradicionalismo caracteriza-se pelos seguintes elementos: 1) rejeição da modernidade (declínio da religião em favor das coisas materiais; fé no progresso e defesa da liberdade e da igualdade; etc). 2) Visão cíclica do tempo (com um ciclo de quatro idades – ouro, prata, bronze e idade sombria), que levaria à decadência e ao retorno à idade inicial após um evento cataclísmico, reiniciando-se o ciclo decadente. 3) Visão hierárquica dos grupos sociais (existência de castas diferentes de pessoas, com cada idade sendo governada por uma delas: era de ouro – sacerdotes e teocracia; era de prata – guerreiros e Estado militar; era de bronze – comerciantes e plutocracia; era sombria – massas e democracia ou comunismo) (Teitelbaum, 2020, p. 20-22).

Os tradicionalistas rejeitam a ciência, o racionalismo e a objetividade, e veem o Iluminismo como opressivo e reducionista. O aumento da influência do tradicionalismo deve-se à síntese realizada por Guenon de ideias e elementos em sua maioria já parte do pensamento ocidental, como a Inversão – a sabedoria poderia ser encontrada no Oriente, pois o Ocidente teria regredido; o Perennialismo – as religiões possuem fragmentos de uma religião nuclear original, a Verdade Primordial; e a Iniciação – rituais iniciáticos ou práticas esotéricas (Sedgwick, 2020, p. 505 e 507).

Julius Évola, por sua vez, conduziu o Tradicionalismo para a extrema-direita. Nascido em 1898, em Roma, Itália, Évola foi filósofo e estudioso das religiões, e se relacionou com o Fascismo e o Nazismo, mas rompeu com os dois por discordâncias, embora concordasse com os seus pilares - antiliberalismo, anti-igualitarismo, antidemocratismo (Ferraresi, 2012).

Évola (1934) defendia a volta ao paganismo e a um passado “hiperbóreo” comum às estirpes indo-europeias. Possuía, assim como Guenon, uma visão hierárquica das castas, associando as ideias das revoluções burguesas de cunho liberal e democrático e o socialismo à decadência das sociedades, pois representariam respectivamente, a “terceira casta” e a “quarta casta” (Évola, 2012).

Évola via a raça como elemento ordenador dos homens, defendendo a superioridade dos mais brancos e arianos em relação aos indivíduos de pele mais escura, os semitas, os africanos e outros povos não-arianos. Considerava como superior o elemento masculino em relação ao feminino, enquanto em termos geográficos, o norte estaria acima do sul (Teitelbaum, 2020, p. 23).

Dugin absorve e reelabora parte do pensamento guenoniano e evoliano. No caso de Guenon, ele rejeita a sua compreensão do Cristianismo, afirmando que as críticas guenonianas só cabiam ao Catolicismo ocidental, e não à Igreja Ortodoxa, pois esta não haveria perdido sua “vitalidade iniciática”. O Tradicionalismo duginiano conduz, não ao sufismo islâmico – como Guenon -, mas à ortodoxia russa como prática esotérica e exotérica (Sedgwick, 2020, p. 397).

Dugin discorda da visão evoliana da religião cristã como igualitária e universalista, por ver o Cristianismo ortodoxo como hierárquico, baseado nas práticas iniciáticas de uma elite espiritual. Algo próximo ao que Guenon acreditava ter existido no Cristianismo ocidental e que se perdeu.

O Tradicionalismo inspira a crítica de Dugin às influências do Ocidente sobre a cultura e os modos de vida de outras sociedades. Ele combina Tradicionalismo e neoeurasianismo, construindo um discurso antiocidental em defesa da civilização eurásiana, do coletivo e do holístico, como fundamento de um projeto de fortalecimento da Rússia no cenário internacional.

#### 4 DUGIN E A NOVA ORDEM MUNDIAL

Para compreendermos por que o neoeurasianismo tornou-se uma alternativa à Rússia do pós-Guerra Fria, é importante salientar o enfraquecimento econômico e geopolítico russo nos anos 1990, após a dissolução da URSS. O governo Boris Yeltsin foi um período de subordinação russa aos interesses do Ocidente. Adotava o neoliberalismo e estava dependente econômica e financeiramente dos países ricos ocidentais. Na política externa, priorizava as relações com a Comunidade de Estados Independentes (CEI), então formada por 12 ex-repúblicas soviéticas, em detrimento da segurança russa frente à OTAN e aos EUA, acreditando-se em uma estreita interação com o Ocidente (Zhebit, 2019, p. 423 e 424).

Ao assumir o Ministério da Defesa e das Relações Exteriores, Evguêni Primakov<sup>3</sup> criticou a política pró-ocidental do antigo ocupante da pasta, Andrei Kozyrev, e centralizou a condução da diplomacia no Ministério das Relações Exteriores, mudando a política externa russa (Larrabee; Karacik, 1997 Apud Zhebit, 2019, p. 424). Saint-Pierre (2024) fala de uma inflexão da história, pois um conjunto de atores se organizava para reagir às tentativas de controle unipolar do mundo pelos EUA, considerando seus próprios interesses geopolíticos, econômicos e estratégicos.

Primakov foi o artífice da articulação russa junto a países em desenvolvimento. Visitou a América Latina<sup>4</sup>, a Índia e a China, almejando uma política russa multivetorial e um trilateralismo russo-sino-indiano, devido à permanência da OTAN e à atuação norte-americana como “superpotência”. Lançou a ideia do “triângulo estratégico” com a Índia e a China, em 1998, para uma nova arquitetura multipolar da política internacional, embora não houvesse a proposta de uma aliança militar (Primakov, 2015 apud Zhebit, 2019, p. 440). Antes, houve a declaração russo-chinesa sobre o mundo multipolar e a formação de uma nova ordem internacional (abril de 1996) e, posteriormente, a declaração sobre a parceria estratégica com a Índia (outubro de 2000) e o Tratado de Boa Vizinhaça, Amizade

3. Foi Presidente do Conselho da União do Soviete Supremo durante o governo de Gorbachev (1989-1990) e dirigente do Serviço Central de Inteligência soviético em 1991. Nos anos 1992-1995, dirigiu o Serviço de Inteligência Externa da Federação da Rússia (1992-1995), foi ministro das Relações Exteriores (1996-1998), primeiro-ministro do Governo da Federação da Rússia (1998-1999), deputado da Duma (2000-2001), presidente da Câmara de Comércio e Indústria da Rússia (2001-2011).

4. Na segunda metade da década de 1990, Primakov visitou México, Cuba e Venezuela em 1996 e Brasil, Colômbia e Costa Rica em 1997. Quanto ao Brasil, uma aproximação mais estreita iniciou-se no governo FHC, com a criação de uma plataforma de cooperação na política internacional e a assinatura de um comunicado conjunto sobre a criação da Comissão de Alto Nível de Cooperação, lançando os alicerces de uma parceria estratégica bilateral. (Zhebit, 2019, p. 440)

5. O chamado RIC (Rússia, Índia e China), ou o diálogo trilateral, começou a funcionar em 2003, como um mecanismo diplomático que contribuía para amenizar os conflitos entre os países membros e fortalecia a cooperação multilateral entre eles na ONU e nos grupos de governança internacional. (Zhebit, 2019, p. 441)

6. George Barros é um analista de Washington especializado em Ucrânia e Rússia e pesquisador no Institute for the Study of War.

7. Russian Views of The International Order. Disponível em [https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research\\_reports/RR1800/RR1826/RAND\\_RR1826.pdf](https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/research_reports/RR1800/RR1826/RAND_RR1826.pdf)

e Cooperação com a China (julho de 2001), estes dois últimos concretizados no governo de Vladimir Putin (Zhebit, 2019, p. 440).<sup>5</sup>

Primakov não aceitou as analogias entre a Rússia pós-soviética e a Alemanha e o Japão do pós II Guerra Mundial, pois estes barganharam sua soberania nas relações internacionais integrando-se nos contornos da arquitetura ocidental de segurança, o que não era o projeto russo, e o legado de Primakov vem sendo aprimorado e consolidado por Putin.

Há acadêmicos que enfatizam a relação entre as ideias de Dugin e as ações do governo putinista. Shekhovtsov (2008), afirma que o apoio de Primakov à corrente neoeurasiana levou Dugin a se destacar a partir de 1999, ao se tornar assessor de Gennadiy Seleznyov, presidente da Duma Estatal, que exigiu a inserção dos escritos de Dugin na educação escolar, além de ter aumentado sua rede após a criação do Movimento Internacional Eurasiano (2000), com a participação de nomes importantes, como o presidente do Comitê Internacional do Conselho da Federação Russa, Mikhail Mangelov.

Na mídia ocidental, Dugin é caracterizado como o “guru” do governante russo. Mas consideramos um exagero, visto que o real impulsor da mudança na política externa russa foi Primakov.

Segundo Barros (2019), não se pode confundir correlação de ideias com relação causal. Para ele, Dugin não tem qualquer influência prática na elaboração das atuais políticas russas.<sup>6</sup> Há um estudo da Rand Corporation, de 2017<sup>7</sup>, que afirma a pouca influência de Dugin sobre as elites russas, pois Dugin advoga a “desintegração territorial, a fragmentação e a divisão política e administrativa do estado chinês”, algo não realista e sem adesão entre as autoridades russas. Dugin chegou a ser exonerado de seu cargo na Universidade Estatal de Moscou, após pregar a morte dos nacionalistas ucranianos, e formulou várias críticas às políticas de Putin na Ucrânia (Barros, 2022).

Segrillo (2016, p. 342-343) atesta que Dugin é o maior nome do eurasianismo russo e há grande influência de sua obra geopolítica em altos círculos do poder, principalmente entre as forças armadas, onde seu manual de geopolítica é adotado nas escolas militares, pois há um vácuo de conhecimento em Geopolítica herdado do período soviético, quando a disciplina era considerada “burguesa”, por não enfatizar a luta de classes. A obra de Dugin preencheu este vácuo, por ser um compêndio da literatura clássica em Geopolítica, o que é muito útil às academias militares russas. Mas Segrillo afirma que Dugin permanece “marginal” na Rússia devido ao radicalismo de suas ideias. O elogio de Putin ao eurasianismo como patriótico limita-se à ala moderada do movimento, por temor “de alienar setores da população russa que discordam do eurasianismo radical de Dugin”.

No caso da Guerra da Ucrânia, o acadêmico Sergey Karaganov, amigo do Ministro da Relações Exteriores, Sergei Lavrov, é o grande conselheiro do governante russo, tendo formulado a Doutrina Putin, que interpreta o espaço pós-soviético como área de influência da Rússia, onde o Estado russo deve atuar em defesa da identidade russa e dos direitos das populações russófonas (Hage, 2022, p. 11).

Dugin utiliza autores clássicos da geopolítica, entre eles Carl Schmitt, incorporando os seguintes elementos da teoria schmittiana: o

conflito histórico entre potências marítimas e potências terrestres, com os EUA fazendo parte das primeiras e a Rússia das segundas; crítica ao universalismo liberal e ao positivismo jurídico na conformação da ordem internacional; defesa de um equilíbrio de poderes baseado no multipolarismo dos “Grandes Espaços” dominados por diferentes potências; crítica à hegemonia norte-americana, ao seu globalismo e à imposição dos seus interesses mascarados na defesa da liberdade e da democracia.

Para Schmitt, antes dos EUA tornarem-se a potência marítima hegemônica, a ordem internacional estava dividida em grandes espaços de poder e, inclusive, a Doutrina Monroe (a América para os americanos) seria inspirada nesta ideia. A partir dos governos dos presidentes estadunidenses Theodore Roosevelt e Woodrow Wilson, passou a predominar a visão liberal-capitalista da “diplomacia do dólar”, transformando a “terra em um mercado capitalista global” (Schmitt, 2009, p. 105 e 106).

Esta forma de agir estaria relacionada com a forma marítima de pensamento e ordenamento social e econômico, e a história universal seria permeada pela luta entre as potências marítimas (que tendem a não respeitar fronteiras e espaços demarcados) e as potências terrestres (que tendem a delimitar fronteiras no espaço). As “civilizações do mar” ou “talassocráticas” baseiam-se no sistema de comércio, no individualismo, na disposição à evolução tecnológica, na industrialização e na modernidade; já as “civilizações da Terra” ou “telúricas” baseiam-se em regras conservadoras e hierárquicas e em valores como fidelidade, honra e trabalho (Schmitt, 1952, p. 111-13).

Schmitt difundiu uma visão binária entre potências que pilham os territórios alheios (as marítimas) e potências que possuem suas riquezas pelo trabalho (as terrestres). Uma dicotomia que desconsidera o papel do capitalismo nos expansionismos territoriais. Apenas a forma da expansão pode ser explicada pelas características geográficas dos países, não a expansão em si, que está ligada à reprodução ampliada do capital.

Dugin reproduz a forma schmittiana de pensar, colocando a Rússia, enquanto potência terrestre, no papel de vítima, e os EUA, enquanto potência marítima, no papel de algoz do globalismo, sem atentar para a natureza do sistema capitalista que baseia as disputas geopolíticas, escamoteando o fundamento materialista do problema da hegemonia norte-americana e ocultando a pretensão de hegemonia russa, ainda que regional.

Os EUA seriam os principais arquitetos da Nova Ordem Mundial. A democracia liberal, a “ideologia dos direitos humanos” e o livre mercado tornaram-se padrões aceitos em todo o mundo. Para isso, haveria três caminhos possíveis, refletindo posicionamentos diferentes de grupos heterogêneos norte-americanos: o projeto dos neoconservadores de criação de um Império Americano, baseado em uma área central desenvolvida em consonância com espaços externos fragmentados e divididos; o projeto dos democratas (ao qual ele associa o ex-Presidente Barak Obama) de criação de uma unipolaridade multilateral, sustentada na cooperação dos EUA com “poderes amistosos” na solução de problemas regionais (entre eles Canadá, Europa, Austrália, Japão, Israel, etc) e na pressão contra países inimigos (como Irã, Venezuela, Bielorrússia, Coreia do Norte) e países que lutam para assegurar sua independência regional (como a Rússia

e a China); e o projeto do Conselho de Relações Internacionais (CFR) - George Soros e suas fundações - de criação de um Governo Mundial, com a globalização acelerada e a destruição da soberania dos Estados nacionais, surgindo o governo de uma elite global (Dugin, 2012, p. 22).

Dugin aponta para a ameaça chinesa à hegemonia americana e cita outros países que tentam contrabalançar esta hegemonia - a Rússia, o Irã e a Venezuela - e controlam vários recursos naturais, limitando a influência americana. Refere-se também à Comunidade Europeia e ao Japão como dois polos de competição entre os parceiros estratégicos e militares dos EUA. (Dugin, 2012, p. 22-24)

Os termos “etnocentrismo e imperialismo” têm a função na narrativa duginista de apresentar a Rússia como uma das vítimas do processo de dominação norte-americano, ofuscando o projeto hegemônico e também imperialista russo. O conceito de imperialismo é acompanhado da ênfase nos fatores étnico culturais, pois as vítimas seriam “países, Estados, povos, culturas”, e não classes sociais. (Dugin, 2012, p. 26), O sistema capitalista não é criticado em sua infraestrutura econômica e social, as classes sociais oprimidas não são o foco de sua análise e há uma idealização da “nação, povo ou cultura russos”.

Atores “terciários” ou “secundários”, múltiplos e heterogêneos, perderiam com o sucesso da estratégia dos EUA. Eles são agrupados por Dugin em categorias diferenciadas. Na primeira categoria, estariam os Estados nacionais independentes que não se submetem a uma autoridade supranacional exterior. Preocupados em preservar sua soberania, esses países se subdividiriam em um primeiro grupo, que adapta suas sociedades e mantêm relações amigáveis com os EUA e o Ocidente (Rússia e Cazaquistão, Brasil, Índia e Turquia); um segundo grupo disposto a cooperar com os EUA sem permitir a interferência em seus assuntos internos (Arábia Saudita e Paquistão); um terceiro grupo que, ainda que coopere com os EUA, filtra o que não é compatível na cultura ocidental com a sua própria cultura e se beneficia da cooperação para fortalecer sua independência nacional (China, principalmente); e um último grupo que se opõe aos valores ocidentais e à hegemonia americana (Irã, Venezuela e Coreia do Norte) (Dugin, 2012, p. 25-26).

A segunda categoria de projeto não americano seriam os grupos subnacionais, movimentos e organizações opostos ao americanismo por razões ideológicas, religiosas e/ou culturais. Nesta categoria estaria o projeto Eurasiático, multipolar ou de “Grandes Espaços”, baseado no conceito de civilização (Dugin, 2012, p. 26). Este é o projeto do qual Dugin mais se aproxima, daí sua valorização da obra de Huntington.

Vemos que Dugin é bastante crítico da ordem mundial calcada no sistema de Estados nacionais, no modelo westfaliano (Dugin, 2012, p. 26).<sup>8</sup> Tal crítica está ligada a um projeto de construção de um Império eurasiático, em que a Rússia seria o centro hegemônico. O modelo de Estados-nação seria um empecilho à dominação imperial russa na região da Eurásia. Há uma contradição no seu discurso anti-imperialista, pois ele é conveniente à contraposição duginiana à hegemonia norte-americana mas, no campo regional, o projeto geopolítico é o de apagamento das soberanias nacionais na forma de Estados-nação em proveito de impérios regionais.

8. O sistema westfaliano inaugurou o moderno sistema internacional, estabelecendo os princípios da soberania estatal, Estado-nação, igualdade jurídica entre os Estados, a territorialidade e a não-intervenção, e trouxe a noção de que uma paz duradoura só seria alcançada por meio do equilíbrio de poder entre os Estados. Ver Aron, Raymond. Paz e guerra entre as nações. UNB/IPRI, 2002.

Dugin é, portanto, defensor da forma política do Império como a mais adequada para a Rússia, pois o modelo Estado-nação teria uma natureza secular e uma concepção de “nação” baseado no “conjunto de cidadãos”, e não no “povo” holístico e orgânico, sendo também calcado em valores profanos e burgueses, e não em uma “ideia divina” (como a teocracia ou o “Santo Império”), constituindo-se em uma “ditadura da lei” (“nomocracia”), que dá grande poder aos juristas e aos burocratas. A Rússia, ao contrário, teria preservado os elementos teocráticos e o princípio aristocrático e, mesmo durante o período soviético, mantiveram-se “profundas tradições nacionais imperiais”. (Dugin, 1997 apud Segrillo, 2016, p. 324 e 325).

O modelo é civilizacional, e não nacional, por isso Dugin utiliza Samuel Huntington (1994), que enfatiza o “conflito de civilizações”. Não se trata de Estados-nações soberanos, mas identidades culturais regionais, o que nos traz uma luz para o projeto imperial de Dugin. As civilizações - que podem ou não entrar em choque - se opõem à globalização (Dugin, 2012, p. 144-145), que homogeniza as culturas com base na forma ocidental americana de ser.

Embora Dugin critique a tese do conflito de Huntington, acreditando ser possível o convívio entre as civilizações, aproveita dele a ideia de civilizações distintas, através da noção alemã de Kultur, bem como o uso do conceito de civilização para substituir a análise de classe e a utopia liberal. E critica Fukuyana (1992), pelo universalismo de sua tese do “fim da história” e pela defesa do modelo das sociedades baseadas no mercado, na democracia e nos direitos humanos (Dugin, 2012, p. 278).

A importância de Huntington para a assertiva de Dugin deve-se também por ele apontar que as civilizações podem ser atores globais em substituição ao Estado-nação, que vem perdendo a soberania sob a influência da globalização (Dugin, 2012, p. 280). A perda de poder dos Estados-nação é um imperativo reivindicado por Dugin para a defesa de uma ordem internacional baseada em grandes impérios construídos em torno de um país-chave que represente uma civilização e seja o guardião dela. No caso, a civilização eurásiana teria o Estado russo como seu guardião.

Uma “globalização regional”, não mais universalista, levaria à “união de países e nações pertencendo à mesma civilização”. Dugin se inspira no pensamento de Georg Friedrich List, que formulou o princípio da “autarquia econômica dos grandes espaços”, a partir da constatação de que o livre mercado mundial beneficia apenas os países ricos em detrimento dos menos desenvolvidos ou pobres, defendendo assim o protecionismo, o dirigismo e as restrições alfandegárias para atingir a independência nacional, estatal e estratégica. O livre comércio deveria existir apenas dentro dos Grandes Espaços, entre os países que o compõem (Dugin, 1997, Liv. 1, Pt. 4, cap. 8.1).

Dentro dos “Grandes Espaços” haveria uma “inclusão social”, mas “não com respeito a todos sem distinção, mas para aqueles que pertencem ao tipo comum da civilização”. (Dugin, 2012, p. 285) A inclusão duginista revela, portanto, uma exclusão dos que não pertencem à civilização dos Grandes Espaços.

Do ponto de vista de Huntington (1994), os “grandes espaços” seriam as seguintes civilizações: 1) Ocidental; 2) Confuciana (Chinesa); 3) Japonesa; 4) Islâmica; 5) Hindu; 6) Eslavo-Ortodoxa; 7) Latino-americana; 8) Africana. Dugin discorda desta divisão, por colocar dentro da “civilização ocidental” os EUA, o Canadá e a Europa, que são distintos quanto aos interesses estratégicos, econômicos e geopolíticos, e formariam “dois grandes espaços” dentro da civilização ocidental. A Europa teria “duas identidades”, o lado “atlantista” (baseado no Reino Unido e na Europa Oriental, associados aos EUA) e o lado “continental” (com postura mais independente, tendo como base a França, a Itália e a Espanha, ou seja, a “velha Europa”) (Dugin, 2012, p. 288).

Dugin não concorda que haja uma “civilização islâmica” de um lado, e uma “eslava ortodoxa” de outro, pois a parte eurásiana incluiria “não somente os eslavos, e não apenas ortodoxos, mas também outros grupos étnicos (incluindo túrquicos, caucásicos, siberianos etc) e uma considerável parte da população que professa o Islã”. (Dugin, 2012, p. 288) E o “mundo islâmico” seria dividido em vários “grandes espaços”: “o “mundo Árabe”, a “zona continental do Islã” (Irã, Afeganistão e Paquistão) e a região do Pacífico com influência muçulmana”, incluindo neste grupo também a “África muçulmana” e as “comunidades muçulmanas na Europa e na América” (Dugin, 2012, p. 289).

Para Dugin, o divisor de águas é a questão geopolítica, ao afirmar que uma mesma civilização divide-se em mais de um “grande espaço”, além de colocar em um mesmo “grande espaço”, o “Eurasiano”, populações étnico culturais e religiosas distintas. Pressupõe-se que o que está em jogo é o interesse geopolítico russo de ter domínio sobre um dado espaço da Eurásia.

Huntington e Dugin desconsideram as diferenças e conflitos dentro desses agrupamentos colocados dentro de uma única civilização. Segundo Said (2001), existe uma negligência com a dinâmica e a pluralidade internas de cada civilização” e com a disputa quanto “à definição ou interpretação de cada cultura” existente dentro delas. Como exemplo, os muçulmanos se dividem por diferenças sociais e culturais (dependendo da região ou país em que residam) e muitas vezes se identificam mais com seus nacionais do que com os muçulmanos de outras nacionalidades (Ali, 2002, p. 380). O mesmo podemos falar da chamada “civilização ocidental”, se considerarmos a herança judaico-cristã, que se divide em católicos e protestantes.

A divisão em “civilizações”, a pretexto de construir uma “ordem internacional multipolar” e “plural”, traz em seu bojo um projeto homogeneizador e imperial para dentro dos chamados “grandes espaços”. O projeto duginiano é uma espécie de versão russa da “América para os americanos” e da “Ásia para os japoneses”. Estaria Dugin defendendo “A Eurásia para os russos?”

Existiriam três projetos globais e suas três respectivas armas - o poder militar (Rússia e China), a economia de mercado (elites globalistas - grandes conglomerados financeiros) e o fundamentalismo islâmico (Lideranças e governos muçulmanos), representando as três funções clássicas da sociedade tradicional - “os sacerdotes religiosos (brâmanes),

os guerreiros (chátrias) e os comerciantes (vaixás)”. O ‘militarismo russo-chinês’ e a ‘Irmandade Muçulmana’, representantes dos valores hierarquicamente superiores nas sociedades tradicionais, deveriam se unir para derrubar a Ordem Mundial Americana”, representante do materialismo (Dugin, 2012, p. 39-40)

Quanto à China, Dugin parece ter mudado de perspectiva, pois em um trabalho anterior, a China não estava incluída como parceira da Rússia, pois ela teria se afastado da tendência eurásiana existente no período maoista, considerando as reformas econômicas chinesas dos anos 1980 como uma inflexão para o “modelo atlantista”. Havia então o projeto de enfraquecer a China, apresentada como um real inimigo que “precisaria ser desmantelado”. O desmembramento da China começaria pela anexação russa do Tibet, do Xinjiang, da Manchúria e da Mongólia, formando um “cinturão de segurança”. (Dugin, 1997, Liv. 1, Pt. 4, cap. 4).

No campo da geopolítica clássica, encontramos conceitos e concepções que aparecem nas obras de Dugin. Halford Mackinder, base da geopolítica inglesa e norte-americana, via o mundo dividido em duas zonas antagônicas – o centro da massa continental eurásiana e a ilha mundial (zona oceânica). Se uma potência controlasse a massa continental (o heartland), ameaçaria a ilha mundial. A principal área de interesse geopolítico seria a Eurásia, ocupada pela Rússia, podendo haver uma aliança Alemanha-Rússia para controlar a Europa Oriental, o heartland e, em consequência a ilha mundo, chegando ao controle mundial (Mackinder, 1904).

O “mapa geopolítico clássico de Mackinder” é citado por Dugin, que localiza nele a Rússia e a China atuais. Segundo ele, o cerne do mundo global é atlântico – a potência marítima mor são os EUA – e a Rússia e a China são a Eurásia, que representa o “heartland”. Os EUA, o Poder Marítimo, lutam pelo controle da Zona Cardinal (Heartland) para dominar o mundo e impor seus valores, e confrontam-se com as forças eurásianas (Rússia-China) (Dugin, 2012, p. 41-42). A preocupação dos EUA seria evitar que a Rússia e a China tenham o controle da Eurásia e ameacem o poder norte-americano.

Outro autor utilizado por Dugin é Spykmen, que formulou o conceito de Rimland, semelhante ao de “crescente interior” – área da Eurásia no contorno do heartland. Segundo ele, os aspectos geográficos determinam ao longo da história dois padrões principais de disputas entre as potências da Eurásia: o primeiro, potências do Heartland e algumas potências do Rimland contra outras potências do Rimland aliadas a uma potência naval; o segundo, alianças entre potências do Heartland e potências navais contra um poder dominante no Rimland. Enquanto para Mackinder o controle do heartland é mais importante, para Spykmen, o Rimland seria a chave das disputas geopolíticas mais importantes da Eurásia, quem dominasse o Rimland definiria o futuro da Eurásia (Spykman, 1944).

A importância de Spykmen para Dugin é o seu enfoque na Eurásia, colocando a Rússia como a potência do heartland, e a importância dada ao controle do Rimland, tornando-o útil para a preocupação duginista de proteger a Rússia das investidas norte-americanas no território antes pertencente à antiga URSS ou parte de sua área de influência – como a Europa Oriental.

Dugin situa a Europa Ocidental em um Rimland em relação à Eurásia, vendo-a como uma espécie de “zona-tampão” ou “apêndice estratégico dos EUA no âmbito da OTAN, e considera os países europeus ocidentais como “colônias” norte-americanas, dominados pelos interesses estratégicos dos EUA no pós-Segunda Guerra Mundial. Mas vê a possibilidade de a Europa Ocidental se aliar à Eurásia, percebendo a existência de “dois Ocidentes” com significados diferentes: o “Ocidente-como-EUA” seria um adversário geopolítico total da Rússia. Já o “Ocidente-como-Europa” teria mudado seu sentido geopolítico nas últimas décadas, passando da condição de metrópole à condição de “colônia estratégica, cultural, econômica e política”, não possuindo “vontade geopolítica e geográfica própria” e sendo apenas uma “base auxiliar na Eurásia”. Esta situação poderia levar ao surgimento de uma “linha antiamericana”, cujo primeiro passo estaria na criação da União Europeia, que pretenderia retomar o significado histórico e a soberania geopolítica da Europa. Do ponto de vista da Eurásia, haveria grande interesse em retirar a Europa Ocidental da influência norte-americana e transformá-la em um aliado estratégico da Rússia, mas isso só seria possível com a manutenção da unidade europeia. A Rússia deveria então auxiliar a união da Europa, principalmente apoiando os Estados da Europa Central, como a Alemanha, diante do interesse dos EUA em provocar dissensões na região (Dugin, 1997, Liv. 1, Pt. 5, cap. 5.1).

Outra influência sob Dugin é o general Karl Ernst Haushofer, cujas ideias inspiraram a expansão nazista. Ele propunha a criação de algumas grandes áreas de dimensões continentais que, de Norte a Sul, formassem uma zona ártica, uma temperada e uma tropical, permitindo a cada pan-região a autossuficiência e a economia “autárquica”. Cada pan-região seria constituída por Estados periféricos, fornecedores de matérias primas, e por um Estado-guia - na pan-região americana, os Estados Unidos; na asiática, o Japão; na europeia, a Alemanha (Losano, 2008).

Segundo a proposta duginiana, a Rússia seria a guardiã e o centro do “grande espaço” formado pela “civilização eurásiana”, e podemos supor que os países em seu entorno dentro do espaço eurásiano seriam subordinados a ela, podendo exercer, inclusive, o papel de fornecedores de matérias-primas para a Rússia<sup>9</sup>.

Dugin pensa ainda em alianças em torno de determinados eixos, para construir a ordem multipolar eurásianista. Defende a formação do “eixo Moscou-Berlim”, visando uma “real independência do controle atlantista dos EUA” por parte da Europa Central. Quanto à região do Oceano Pacífico, o papel central seria do Japão que manteria valores tradicionais e uma posição antiocidental e antiliberal, sendo importante a formação do “eixo Moscou-Tóquio. Outra aliança importante seria o “eixo Moscou-Teerã”, porque o Irã seria um país antiocidental e uma grande potência continental ligada à Ásia Central, podendo solucionar a dificuldade russa de acesso aos mares quentes (Dugin, 1997, Liv. 1, Pt. 4, cap. 4).

O pensador russo chama o seu projeto geopolítico de Novo Império, um agregado de sub-impérios e civilizações articulados para a construção e preservação de uma ordem mundial multipolar. Analistas apontam que o projeto duginista é distinto do projeto de Vladimir Putin. Este pensa

9. As relações econômicas da Rússia com o espaço eurásiano demanda pesquisas que confirmem ou não esta relação de subordinação tal qual pensada por Haushofer para as chamadas “pan-regiões”.

em um renascimento nacional e retorno a um estado anterior, sendo o passado czarista o modelo. Dugin defende a construção de um novo império, e não o renascimento do antigo, e “uma profunda negação tanto do passado quanto do presente da Rússia” (Liebel; Neto, 2016, p. 397).

No projeto de Dugin, a Rússia é a grande líder missionária na construção desta nova ordem internacional do Novo Império, liderando a construção de “um gigantesco bloco geopolítico continental que seja unificado em sua estratégia”, “um corpo indivisível no sentido militar estratégico”, com limitações políticas aos seus sub-impérios, sendo “proibido servir aos interesses geopolíticos atlantistas, sair da aliança estratégica, causar dano à segurança continental”. Este Novo Império seria uma “confederação de Grandes Espaços”, sendo os quatro principais o Império Europeu no Ocidente (em volta da Alemanha e Europa Central), o Império do Oceano Pacífico no Oriente (em torno do Japão), o Império da Ásia Central no Sul (em torno do Irã) e o Império Russo no centro (em torno da Rússia). A posição central seria da Rússia, pois dela dependeria “toda a ligação territorial e a homogeneidade de todos os outros componentes do gigantesco bloco continental”. O princípio da confederação valeria também para dentro dos Grandes Espaços em relação às unidades nacionais, regionais e étnicas menores (ou países e Estados). Haveria limitações substanciais à soberania destes Estados quanto às questões estratégicas e às relacionadas com as especificidades dos Grandes Espaços aos quais pertencem, embora ele afirme que leva em conta “as peculiaridades históricas, culturais, geográficas e raciais de cada região” (Dugin, 1997, Liv. 1, Pt. 4, cap. 4).

Mas as limitações à soberania dos países que compõem os Grandes Espaços não significariam uma “camisa de força” contra os pequenos Estados agrupados na “grande civilização” guardada pelo Estado centro? Estes pequenos Estados seriam obrigados a aceitarem a concepção de civilização e os critérios adotados como traços comuns entre os diversos povos salvaguardados pelo Estado central e a se submeterem à autoridade das grandes potências guardiãs? Parece um projeto substancialmente autoritário.

Outro problema seria o componente racista da sua proposta geopolítica. Segundo Glazebrook (2019), o mundo de Dugin seria composto de “etno estados racialmente puros” dominados por uma “aristocracia euro russa supremacista branca” com subordinação da Ásia à Rússia.

É preciso compreender, porém, que os eurasianistas não possuem uma concepção de povo russo baseado na pureza eslava branca. Os eslavófilos estavam mais próximos desta concepção, já que consideravam o início do atual povo russo na antiga “comunidade kievana” de eslavos<sup>10</sup>. Para os eurasianistas e neo-eurasianistas, o povo russo atual, os “Grão-Russos”, seria diferente dos antigos eslavos de Kiev, pois resultariam da mistura cultural e étnica com os povos das estepes asiáticas, durante o domínio Mongol e no período de construção do Império Czarista. Os Grão-Russos herdaram aspectos da cultura mongol, inclusive a capacidade de construir um sólido e centralizado império, diferente da frouxa confederação de Estados kievanos. Haveria, inclusive, uma desconfiança por parte dos nacionalistas russos xenófobos em relação aos eurasianistas,

10. Existente antes do domínio mongol.

não vendo com bons olhos propostas de incorporar como parte de uma civilização eurásiana os povos muçulmanos asiáticos, conforme apregoa Dugin. Muitos o consideram um “traidor” e um “internacionalista” (Segrillo, 2016, p. 344).

Dugin não parece preocupado em afirmar uma soberania branca eslava no Grande Espaço da Eurásia. O racismo de Dugin é calcado no “novo racismo”, que orienta os discursos da “nova direita” europeia, notadamente o pensamento de Alain de Benoist<sup>11</sup>, uma referência intelectual importante em sua obra. Para esta “Nova Direita”, a retórica não deve se basear na ideia de hierarquia entre raças e povos ou em concepções de superioridade ou inferioridade, mas na defesa das identidades puras. É um discurso “diferencialista” e “pluralista”, que demarca os espaços de cada povo, no caso de Dugin, de cada civilização.

Segundo Segrillo (2016, p. 345), Dugin acompanhou a viragem ideológica da “Nova Direita” de uma visão biológica das diferenças entre os povos para uma diferença cultural, um “neoracismo diferencialista”, exaltando-se o “direito de ser diferente”. Mas a terminologia de Dugin é ambígua, pensando a etnia como resultado de fatores biológicos e culturais. E, embora discursive contra o “chauvinismo étnico”, se preocupa com a manutenção das identidades étnicas, opondo-se à mistura entre elas.

Basta atentarmos para as suas referências teóricas a respeito da questão étnica. O antropólogo austro-alemão Richard Thurnwald, uma de suas influências, tinha uma abordagem política colonial baseada na biologia racial, posicionando-se contra a mistura racial, tendo delineado os princípios da organização colonial, que deveria basear o desenvolvimento nacional-socialista das colônias africanas (Rohrbacher, 2024).

Não podemos negligenciar a presença do racismo no pensamento de Dugin, ainda que ele apareça na forma do “novo racismo” da “Nova Direita”.

## 5 CONCLUSÃO

Dugin constrói uma narrativa Ocidente versus Oriente quanto aos valores civilizacionais - o Ocidente individualista e universalista e o Oriente holístico. Baseia-se em Rene Guenon (partidário do Oriente), e em Julius Evola (crítico da modernidade e dos EUA), ambos parte do Tradicionalismo (Dugin, 2012, p. 42).

O projeto neoeurásiano é uma adaptação que Dugin faz do eurasiatismo dos anos 1920 e do pensamento eslavófilo, com ajuda das ideias da geopolítica clássica, aplicando-as às disputas interimperialistas atuais entre Rússia e EUA. Tem como base a chamada Quarta Teoria Política, que pretenderia superar o Liberalismo, o Comunismo e o Fascismo, embora aproveitando seus elementos “positivos”.

A retórica duginista defende um projeto hegemônico russo, não no sentido de impor a civilização russa e eurásiana ao mundo, mas centrado na Rússia como o centro de um Novo Império, composto por diversos sub-impérios. Para fora, a diversidade e a pluralidade – já que a luta é contra o adversário com tendências a unipolarização -, para dentro dos sub-impérios, as amarras de um ideal de “civilização”, que incluiria apenas o

11. Um dos fundadores da Nova Direita. Criou o conceito de Etnopluralismo, baseado na existência de comunidades étnico culturais individuais e fronteiriças.

considerado “tipo comum da civilização”, e a Rússia como a grande força hegemônica e sustentáculo do mundo multipolar.

A retórica da diversidade e da pluralidade sustenta a sua defesa do multipolarismo na ordem internacional. No entanto, Dugin representa uma ideia racista que se baseia na manutenção das diferenças, desde que estejam apartadas umas das outras. Sua ideologia apresenta um racismo baseado na não mistura entre culturas e civilizações diferentes, construindo um projeto de apartheids geográficos, e defendendo uma diversidade de base étnica (no sentido do novo racismo), na qual o diferente só é aceito fora dos muros erguidos.

A conclusão é a de que o discurso duginista contra a hegemonia dos EUA e dos valores ocidentais encobre um projeto de imperialismo russo dentro do espaço eurasiático, que impõe um conceito de civilização eurasiática e amarra os pequenos Estados a ele em uma camisa de força, e um projeto de hegemonia global russa, já que o Grande Espaço da Eurásia sob domínio russo seria o centro e sustentáculo do mundo multipolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, Tariq. **Confronto de Fundamentalismos** – Cruzadas, Jihads e Modernidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ARON, Raymond. **Paz e guerra entre as nações**. UNB/IPRI, 2002.
- BARROS, George. The West Overestimates Aleksandr Dugin’s Influence in Russia. **Providence**, 8 de julho de 2019. Disponível em: <https://providencemag.com/2019/07/west-overestimates-aleksandr-dugins-influence-russia/>. Acesso em 2 de maio de 2024.
- CAMARGO, Felipe Rodrigues de. **A geopolítica da Rússia nos governos de Vladimir Putin**: as ações econômico-político-militares e a Teoria Neo-eurasiática. Rio Claro, 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (Unesp).
- CRUZ, Sebastião Velasco. Mundo em Transe. Notas sobre a Crise e o Futuro da Ordem Internacional. **Estudos e Análises OPEU**, No. 20, 2023. Disponível em: <https://www.opecu.org.br/2023/03/03/mundo-em-transe-notas-sobre-a-crise-e-o-futuro-da-ordem-internacional/>. Acesso em 3 de maio de 2024.
- DUGIN, Aleksandr. **Eurasian mission**: An introduction to Neo-eurasianism. Arktos, 2014.
- DUGIN, Aleksandr. **Fundamentos da geopolítica**: o futuro geopolítico da Rússia. Moscou: Arktogeia, 1997.
- DUGIN, Aleksandr. **Quarta Teoria Política**. Tradução: Nova Resistência. 2012.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. v. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ÉVOLA, Julius. O Retrocesso das Castas. **Legio Victrix – Blog de Metapolítica, História, Filosofia e Cultura Dissidentes**. 8/12/2012. Disponível em: <https://legio-victrix.blogspot.com/2012/12/o-retrocesso-das-castas.html>. Acesso em 16 de setembro de 2022.
- FERRARESI, Franco. **Threats to Democracy**: The Radical Right in Italy after the War. New Jersey: Princeton University Press, 2012.
- FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GLAZEBROOK, Dan. Vestindo a esquerda de camisas pretas: Alexander Dugin e a ascensão do fascismo “politicamente correto” Parte II. **El Coyote**, 15/07/2019. Disponível em: <https://elcoyote.net/politica/vestindo-a-esquerda-de-camisas-pretas-alexander-dugin-e-a-ascensao-do-fascismo-politicamente-correto-parte-ii/>. Acesso em 12 de março de 2024.
- GUENON, Rene. **A Crise do Mundo Moderno**. São Paulo: Irget, 2009.
- HAGE, José Alexandre A. O Que é a Doutrina Putin? A Questão Estratégica Russa e a Segurança Nacional Ampliada. **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**, Vol. 11, No. 22, pp. 10-31, Jul./Dez., 2022.

HUNTINGTON, Samuel. Civilizações ou o que? Paradigmas do mundo pós-Guerra Fria. **Política Externa**. São Paulo, vol. 2, n. 4, p. 169-178, março de 1994.

KOREY, William. **Russian Antisemitism, Pamyat, and the Demonology of Zionism**. Amsterdam: Harwood Academic Pub., 2007.

LARRABEE, F. Stephen; KARACIK, Theodore. Foreign and security policy decisionmaking under Yeltsin. **National Defense Research Institute**. Washington, D.C., RAND, 1997.

LIEBEL, Vinícius; NETO, Odilon Caldeira. Uma Visão do Leste: Autoritarismo e Conservadorismo na Ucrânia e na Rússia – Entrevista com Andreas Umland. **História e Cultura**, Franca, vol. 5, n. 3, pp.388-401, dez., 2016.

LOSANO, Mario G. Karl Haushofer (1869-1946): o pai da geopolítica das ditaduras europeias. In **Verba Juris**, ano 7, n. 7, jan./dez. 2008.

MACKINDER, H. J. The geographical pivot of history. **The Geographical Journal**, vol. 170, n. 4, pp. 298 – 321, december, 1904.

PRIMAKOV, Evguêni. **Vstrêtchi na perekrióstkakh**. Moscou: ZAO Izdatelstvo Tsentrpoligraf, 2015.

ROHRBACHER, Peter. Richard Thurnwald’s Position in the Nazi Period: Some Methodological Considerations in the History of Anthropology. **History of Anthropology Review**, 1 de março de 2024. Disponível em: <https://histanthro.org/notes/richard-thurnwald/>. Acesso em 10 de maio de 2024.

SAID, Edward. O choque de ignorâncias. **Folha de São Paulo Mundo**. São Paulo, SP. Dezembro de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1710200128.htm>. Acesso em 6 de março de 2022.

SAINT-PIERRE, Héctor. 2022: O Ano da Inflexão Histórica. **Opera Mundi**, São Paulo, 20 de fevereiro, 2024. Disponível em <https://operamundi.uol.com.br/opiniaio/85698/2022-o-ano-da-inflexao-historica>, Acesso em 27 de fevereiro de 2024.

SANTORO, Maurício. Entrevista. A Guerra na Ucrânia e a Nova Ordem Mundial. **Ciência Hoje**, abril, 2022. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/a-guerra-na-ucrania-e-a-nova-ordem-mundial/>. Acesso em 3 de maio de 2024.

SCHMITT, Carl. Grande-Espaço contra Universalismo, in VIEIRA, Luiz Vicente; Costa, Danilo Vaz-Curado. **Carl Schmitt contra o Império**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SCHMITT, Carl. **Tierra y Mar**. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1952.

SEDGWICK, Mark. **Contra o Mundo Moderno**. O Tradicionalismo e a história intelectual secreta do século XX. Belo Horizonte: Ed. Âyiné, 2020.

SEGRILLO, Angelo. **Europa ou Ásia?** A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasiânistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

SHEKHOVTSOV, Anton. The Palingenetic Thrust of Russian Neo-Eurasianism: Ideas of Rebirth in Aleksandr Dugin’s Worldview. **Totalitarian Movements and Political Religions**, vol. 9, n.4, pp. 491-506, 2008.

SPYKMAN, Nicholas J. **The Geography of Peace**. New York: Harcourt Brace &, 1944.

TEITELBAUM, Benjamin. **Guerra pela eternidade**: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2020.

VASCONCELOS, Francisco. As Origens Intelectuais do Fascismo e suas Reinvenções: entre a “revolução conservadora” e o Tradicionalismo. **Plural**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 29, n. 1, pp. 208-231, jan./jun., 2022.

ZHEBIT, Alexander. Sobre a história da política externa da Rússia: o “paradigma” de Primakov. **Topoi**. Rio de Janeiro, Vol. 20, No. 41, pp. 421-445, 2019.